



Mais de
5 Milhões
de Livros
Vendidos

Jennifer Ashley

Autora bestseller do New York Times
e do USA Today

o
O
INDOMÁVEL
Mackenzie

Ela parece caminhar para a ruína.
Mas alguém do seu passado volta para a salvar.

**TOP
SEL
LER**

Capítulo 1

Vinte e cinco anos antes

Os pequenos punhos de Lloyd Fellows esmurraram a cara suja do rapaz mais velho, ensanguentando a boca que o insultara. «A tua mãe é uma galdéria, o teu pai é um velho sarnento e tu és um bastardo — um bastardo!»

Agora o rapaz mais velho gemia, de dentes no chão, o sangue a escorrer-lhe pelo rosto. Toda a gente sabia que não deveria provocar Lloyd, de temperamento estouvado, mas, por vezes, era difícil resistir. Lloyd ensinava-os sempre a respeitar os seus punhos.

Além disso, o seu pai não era um velho sarnento, mas um duque. Quando Lloyd era muito pequeno, acreditava que o pai viria, um dia, num coche dourado, e o levaria das ruas miseráveis de Londres para o seu palácio na Escócia. Aí, Lloyd teria todos os brinquedos que desejasse, além de cavalos e de irmãos com quem brincar. A mãe contara-lhe que o pai tinha outros filhos, e dissera-lhe que Lloyd merecia ter tudo o que eles tinham.

Os anos passaram, mas nenhum coche dourado percorrera as vielas da classe trabalhadora londrina. Agora mais sensato, Lloyd sabia que o duque nunca viria.

Até hoje. Lloyd soubera, porque fazia questão de estar a par de tudo o que acontecia nesta parte da cidade, que hoje a carruagem ducal do seu pai percorreria a High Holborn até à Lincoln's Inn Fields, onde ele iria reunir-se com os seus advogados. Por que razão, Lloyd não fazia ideia, nem lhe importava.

O seu plano era fazer parar a carruagem por qualquer meio ao seu alcance, apresentar-se ao pai e dizer-lhe que era sua obrigação cuidar dele e da mãe. Tão simples quanto isso.

O duque nunca enviara dinheiro, cartas, qualquer palavra que mostrasse reconhecer que era pai de Lloyd Fellows. Fellows nem sequer era o seu apelido verdadeiro — a mãe adotara-o, fingindo ser casada com um Sr. Fellows que morrera há muito tempo. Ela fora criada de uma taberna, um duque seduzira-a, engravidara-a e abandonara-a, sem nunca mais lhes dirigir palavra ou olhar para eles.

Hoje, Lloyd iria mudar isso. Vestira as roupas que usava para ir à missa, quando a mãe se dava ao incómodo de o levar lá, e dirigira-se à High Holborn. Porém, o pequeno patife do Tommy Wortley decidira desviá-lo do seu caminho, começando a provocá-lo. Lloyd poderia ter-lhe respondido à letra, mas Tommy trouxera amigos e pedras. Quando as pedras começaram a voar, Lloyd agarrara Tommy e empurrara-o de encontro à parede, dando início à luta.

Agora, Lloyd estava ensanguentado e sujo, com a sua melhor camisa rasgada. A mãe iria dar-lhe uma sova. Mas isso não importava. O tempo estava a esgotar-se. Desferiu um derradeiro golpe, deixando Tommy a retorcer-se na lama, e partiu, a correr, nas suas passadas habitualmente rápidas, em direção à High Holborn.

Chegou à tangente. Apressou-se pelo meio da multidão, com um tijolo na mão, esquivando-se aos homens irritados que ia empurrando. Ali estava a carruagem, alta e reluzente, puxada por uma parelha de cavalos cinzentos. Ao aproximar-se, viu o robusto cocheiro com o seu casaco vermelho e o chapéu alto, sabendo que aquele homem poderia destruir-lhe todos os planos se não tivesse cuidado.

Observou a carruagem em todo o seu esplendor: preta, com as rodas e as extremidades pintadas de dourado, exibindo o brasão do duque de Kilmorgan na porta — um veado rodeado de floreados

e palavras que Lloyd não compreendia. O seu pai, Daniel Malcolm Mackenzie, era o décimo terceiro duque na linhagem escocesa e o primeiro na inglesa. Lloyd passara a infância a aprender sozinho tudo sobre duques, e como se tornavam duques. Este, em particular, recebera da Rainha Vitória a elevada honra de também ser reconhecido em Inglaterra.

Lloyd aguardou por um momento estratégico e atirou o tijolo ao cocheiro. O seu objetivo não era magoá-lo nem feri-lo, mas simplesmente obrigá-lo a parar a carruagem. O tijolo atingiu-o na mão. O homem, apanhado de surpresa, soltou as rédeas, e a carruagem mudou de direção. Uma outra carruagem, que vinha em sentido contrário, deteve-se de repente, no meio do trânsito intenso, e o seu condutor praguejou sonora e veementemente. O primeiro cocheiro recuperou rapidamente as rédeas e endireitou os cavalos, mas já se formara um engarrafamento. Pôs-se de pé no seu cubículo e gritou com o outro, dizendo-lhe o que pensava dele, terminando com um «Sai do meu caminho, monte de esterco, que esta é a carruagem de um duque!».

Lloyd aproveitou aquele momento de confusão para se dirigir à carruagem parada, que se erguia muito acima dele, reluzente e limpa, à exceção da lama que apanhara nessa manhã. Uma das janelas desceu, e um homem espreitou para a rua. Tinha um denso cabelo ruivo e espessas suíças ruivas, além de uma barba igualmente ruiva, que começava a encanecer, e um frondoso bigode. Por detrás de todo aquele cabelo, muito bem cuidado, refulgiam uns olhos amarelos, como os de uma águia.

— Põe-me esta porcaria bexigosa a andar! — gritou. — Ei, tu aí! Rapaz! — Lloyd pestanejou. O duque, o seu pai, fitava-o, e estava a falar com ele. Lloyd abriu a boca, mas não emitiu qualquer som. — Sim, tu aí, de boca aberta como um peixe. Vai ver o que se passa. Lloyd mexeu o maxilar, tentando lembrar-se de como se falava. — Senhor — conseguiu dizer —, eu...

— Vai lá, rapaz! Antes que eu saia daqui e te chegue a roupa ao pelo.

Eu sou seu filho.

As palavras não saíam. Lloyd estava ali, paralisado, enquanto o homem que era o seu progenitor, o majestoso duque de Kilmorgan, o fitava, irado.

— És imbecil, ou quê?! — O duque abriu a porta, e, mostrando que não se preocupava com a preservação dos seus trajes elegantes nem da sua posição, apeou-se. Agarrou Lloyd por uma orelha e sacudiu-o com força. — Se te digo para fazeres uma coisa, rapaz, tu obedeces! Pira-te daqui, e vai dizer àquele cocheiro que se mexa! — Nem sequer lhe ofereceu uma moeda, como os outros aristocratas faziam quando mandavam rapazes da rua fazerem-lhes recados. Os dedos do duque apertaram-no firmemente, e Lloyd sentiu um golpe no queixo. — Vai! — insistiu o homem, empurrando-o.

Lloyd cambaleou para trás. Os anos de sonho e de esperança, em que fingira acreditar que o pai o viria buscar para o levar para um castelo dourado, desfizeram-se aos seus pés. Como podia ter sido tão estúpido?! Já tinha idade suficiente para perceber que muitos homens viam as mulheres como meros corpos, com os quais obtinham prazer. Fora isso que o duque fizera com a sua mãe. A sua existência não passava de um mero acidente da natureza.

A desilusão, a mágoa e a fúria cresceram dentro de si, e, como de costume, saíram-lhe pelos punhos. Lloyd atirou-se ao duque, gritando com uma raiva descontrolada.

— Canalha! Maldito canalha! Estúpido comedor de esterco! — Esmurrou-o, os golpes acertando-lhe no peito, no estômago, nos braços, e um deles, mais afortunado, na cara. O sangue jorrou do nariz do homem tão facilmente como jorrara do de Tommy.

O duque agarrou-o pelos ombros, com uma força desconcertante. Depois atirou-o ao chão e começou a bater-lhe com os punhos grandes, pontapeando-o com as botas pesadas, feitas do mais

requintado couro. Lloyd enrolou-se numa bola, tentando proteger-se com os braços, a raiva impedindo-o de chorar. Após muito tempo e muita dor, foi posto de pé por um polícia de uniforme escuro e capacete alto.

— Este monte de lixo atacou-me — rosnou o duque para o polícia. O sangue escorria-lhe pela cara, e ele limpou-o com um lenço, sem grande efeito. — Leva-o daqui!

Lloyd não se debateu. Não era a primeira vez que era detido pela polícia. A melhor forma de escapar era fingir-se subjugado e fugir mais tarde, desaparecendo na multidão. Os polícias andavam, normalmente, demasiado exasperados para se darem ao trabalho de perseguir um miúdo.

— Sim, senhor — respondeu o polícia.

— Vossa Graça! — corrigiu-o o duque, num rosnido. — Aprende a ter maneiras.

Um lacaios, saído das traseiras da carruagem, aguardava silenciosamente junto da porta aberta, para ajudar o duque a subir. Foi então que Lloyd viu o outro rapaz: um miúdo da sua idade, de cabelo ruivo-escuro e olhos dourados, que o identificavam como filho do duque, a apear-se. O rapaz envergava um *kilt* de xadrez verde e azul, um casaco preto, um colete de seda cor de marfim, meias de lã da mesma cor e sapatos de fabrico tão requintado quanto o das botas do pai.

Ninguém prestava atenção ao rapaz, à exceção de Lloyd. Todos os olhos estavam postos no duque, o lacaios a oferecer-lhe um braço robusto para que ele conseguisse voltar à carruagem.

O rapaz, tão arrogante como o pai, avançou para Lloyd, que era capaz de jurar ter-lhe visto um brilho de satisfação no olhar, e passou por ele, fingindo não o ver. Lloyd, porém, sentiu o frio de uma moeda na palma da mão. O rapaz não disse nada, enquanto regressava à carruagem, com o pai a berrar-lhe:

— Hart, mete esse rabo cá dentro. Despacha-te!

O laçao estendeu a mão ao rapaz, que se chamava Hart, mas este ignorou-o e saltou agilmente de volta para a carruagem. O caminho ficou livre, e a carruagem avançou. Hart Mackenzie olhou pela janela, e o seu olhar encontrou o de Lloyd. Os dois rapazes fitaram-se, um de cada lado do luxo, até que outro veículo passou entre eles, e a carruagem do duque foi engolida pelo trânsito.

— Vamos lá, rapaz — disse o polícia, com uma mão firme no ombro de Lloyd, que fechou a sua em torno da moeda, até as arestas lhe vincarem a palma. Seguiu com o polícia, tão entorpecido que já havia entrado na esquadra quando se lembrou de que deveria ter tentado fugir.

Capítulo 2

Abril de 1885

— **L**ouisa, querida, cuide de que o bispo não fique sozinho, sim?

Louisa examinou o prado que se estendia diante da casa da Sra. Leigh-Waters, em Richmond, vendo o honorável Frederick Lane, bispo de Hargate, a entrar numa das tendas onde se servia chá. Hargate tinha 40 e poucos anos, era jovem para um bispo, vagamente bonito, e, ultimamente, não escondia que procurava mulher.

Lady Louisa Scranton, solteira, órfã de pai, morto em circunstâncias escandalosas que haviam deixado a família quase sem dinheiro, devia estar, aos olhos da Sra. Leigh-Waters, desejosa de um marido. Hargate cumpria os requisitos de uma filha da aristocracia: abastado, segundo filho de um conde, bem-sucedido por si próprio. Atingira cedo o seu estatuto, e tinha boas relações, muitas das quais se encontravam presentes naquela festa de jardim, entre os convidados meticulosamente selecionados pela Sra. Leigh-Waters.

A mulher de um bispo teria dinheiro, respeito e posição. Louisa estava ciente de que precisava de casar bem — na verdade, entrara na temporada social deste ano com essa intenção. Porque é que, então, chegando a hora da verdade, sentia tanta relutância em estar sozinha com Hargate?

— Claro, Sra. Leigh-Waters — obrigou-se a responder. — Eu cuido dele.

— Obrigada, minha querida. — A Sra. Leigh-Waters sorriu-lhe radiosamente. *Vou casar a Louisa num ápice*, seria, decerto, o que estaria a pensar. *Vai ser um grande triunfo quando o conseguir*.

Louisa dirigiu-lhe um sorriso simpático e apressou-se a ir atrás do bispo.

A casa da Sra. Leigh-Waters tinha vista sobre a colina, que descia até ao rio. O dia de abril estava bonito, não muito quente; havia nuvens no céu, mas não ameaçavam chuva. A terra estendia-se do outro lado do rio, sendo depois engolida pela névoa.

O relvado estava preparado para a festa, com assentos e mesas dispersos, os carreiros ladeados por fitas, e um campo de croquet a ser instalado pelos lacaios. Senhoras vestidas em tons de azul, amarelo, dourado, lilás e castanho deambulavam pelo jardim, com a brisa primaveril a agitar penas, fitas, tranças e frutas falsas presas aos seus chapéus. Cavalheiros com fatos casuais de um monocromático cinzento ou de *tweed* infiltravam-se no meio delas.

O chá fora servido em tendas, no sopé da colina, e muitos convidados seguravam ainda na mão chávenas e pratinhos de acepipes. Uma idílica tarde inglesa, a conversarem uns com os outros, enquanto aguardavam que começasse a partida de croquet, que seria renhida e extremamente dispendiosa. Os membros da alta sociedade apostavam ferozmente em tudo.

Louisa esquivou-se deles e entrou na tenda de lona branca, vazia, à exceção do bispo de Hargate e das mesas com toalhas igualmente brancas, postas para o chá. As elegantes chávenas e pires de porcelana tinham padrões de ramos de rosas, tal como as bandejas de três níveis, com os restos de *petit fours* e de profiteroles. Como a maioria dos convidados já se tinha servido, restavam poucas chávenas e pires.

— Ah, Lady Louisa — disse Hargate, mostrando-se satisfeito. — Veio fazer-me companhia?

— A Sra. Leigh-Waters não queria que ficasse sozinho.

— É uma senhora generosa, a nossa anfitriã. — Hargate olhou para Louisa com avidez, o que esta achou estranho vindo de um homem que quase fora arruinado pelo seu pai.

O pai de Louisa, o Conde Scranton, convencera outros homens a entregar-lhe dinheiro para investimentos, que ou nunca chegaram a ser feitos, ou falharam redondamente. Pagara aos primeiros investidores com o dinheiro dos que se seguiram, fingindo que provinha da sua habilidade para comprar as ações certas. Por fim, quando os seus verdadeiros investimentos falharam, teve de confessar que não podia devolver o dinheiro a ninguém. De um dia para o outro, passara de respeitável e rico a um homem completamente arruinado. Juntamente com a sua fortuna, perderam-se as de muitos mais cavalheiros. Hargate não perdera tudo, mas perdera bastante, embora tivesse conseguido reconstruir rapidamente a sua fortuna.

Louisa dirigiu-se calmamente para uma mesa, tentando agir como se nada daquilo tivesse acontecido. De qualquer modo, uma senhora não deveria saber ou compreender esse género de coisas.

— Chá, Vossa Graça?

— Sim, obrigado.

Louisa fora ensinada a servir chá com perícia. Verteu o reconfortante líquido em duas chávenas, deitou um torrão de açúcar e uma gota de natas na do bispo e entregou-lha. Deixou a sua sobre a mesa e tirou dois graciosos profiteroles recheados de creme, que não haviam mirrado demasiado com o calor de abril, colocando-os num dos pratinhos de porcelana. Tinha um fraquinho por bolos franceses, mesmo os que já pareciam um pouco amolecidos.

— Andava a pensar em falar consigo, Lady Louisa — disse Hargate, com uma entoação estranha na voz. — Que sorte, estamos aqui os dois sozinhos.

Sorte, uma ova! Hargate e a Sra. Leigh-Waters tinham, certamente, preparado aquele encontro.

Ele estendeu a mão livre e segurou a de Louisa, fechando os dedos com tanta força que ela não seria capaz de se soltar sem dar um puxão. Olhou-a nos olhos, os dele repletos de algo que parecia júbilo.

— Será uma grande honra falar consigo, Louisa.

Oh, céus, ele ia pedi-la em casamento! Louisa poderia rejeitá-lo, claro, mas sabia que se arriscava a uma forte reprovação se o fizesse: «Criatura altiva, a recusar um partido tão bom! Julga que terá outra oportunidade? Uma rapariga de uma família escandalosa não se pode dar ao luxo de ser tão arrogante e desdenhosa.»

Por outro lado, se aceitasse, teria efetivamente de casar com ele. Hargate era tudo o que uma jovem deveria desejar num homem, como indubitavelmente achava a Sra. Leigh-Waters, mas Louisa nunca gostara muito dele. Era pomposo, falava pelos cotovelos — geralmente acerca de si mesmo — e era quase irremediavelmente... bem... burro.

— Eu e o seu pai tivemos algumas transações financeiras — disse Hargate —, e a menina saberá decerto como correram. — Sim, Louisa lembrava-se disso todos os dias. Quando tudo se desmoronara, Lorde Scranton morrera com a vergonha. Louisa e a mãe, por sua vez, tiveram de continuar a viver com ela. — Águas passadas — prosseguiu Hargate. — Posso garantir-lho. Nunca pensei usar isso contra si, Louisa. Quer dizer, não o farei se aceitar ser minha mulher.

Então, e se Louisa recusasse? Usaria ele isso contra ela?! Fitou-o, questionando-se se teria compreendido bem. Estaria Hargate a tentar chantageá-la para que casasse com ele? Tendo em conta o sorriso e a expressão no seu rosto, deduziu que era bem possível.

Não posso casar com ele.

Enquanto o fitava, tentando desesperadamente descortinar uma forma de escapar àquela conversa embaraçosa, outro rosto ocorreu-lhe à mente: um rosto mais duro do que formoso, de um

homem com um indomável cabelo escuro e olhos cor de avelã com um brilho dourado; um homem da classe trabalhadora, um filho ilegítimo, de uma criada de taberna — tudo o que a filha de um conde deveria rejeitar. E, contudo, Louisa recordava o poder daquele beijo, a força das suas mãos, as suas suíças ásperas que lhe haviam queimado os lábios, o sabor da sua boca.

Aquele beijo ocorrera no Natal, e fora uma ideia, ou um impulso, de Louisa. Tal como o beijo antes desse, no casamento, no castelo de Kilmorgan. Esse impulso transformara-se numa espécie de loucura, e agora ela não conseguia esquecer Lloyd Fellows, por muito que tentasse. Sentira-se mais viva encostada à dura ombreira da porta enquanto ele a beijava, ouvindo os sons da festa de Natal à distância, do que em qualquer outro dia da sua vida, especialmente este, na tenda de chá, numa festa de jardim inglesa absolutamente perfeita.

Molhou os lábios.

— Vossa Graça, eu...

— A Louisa sabe que é o melhor para si — advertiu Hargate. — Mais ninguém casará com a filha do cavalheiro que o arruinou. Recupere o respeito e aceite a minha oferta.

Os olhos de Hargate assumiram um brilho duro, dando a Louisa um vislumbre de maldade que não lhe vira antes.

— Vossa Graça, o senhor é muito generoso, mas...

— A Louisa não tem dote; o seu primo, o novo conde, é um homem avarento, que lhe dá a si e à sua mãe uma pequena pensão. Isto é do conhecimento de todos. Os seus cunhados Mackenzie têm reputações sórdidas; poucas famílias desejam relacionar-se com eles. O seu nome foi discutido no meu clube, e só a minha admoestação levou os cavalheiros a pararem de dizer coisas inomináveis acerca de si. A Louisa tem poucos defensores, e eu sou um deles. Quando for minha mulher, impedirei todos os mexericos acerca de si.

— Mexericos? — Louisa pestanejou, chocada. Acerca de quê? Um leve pânico flutuou-lhe no peito. Os beijos ao Sr. Fellows surgiram de novo na sua memória; não que os pudesse esquecer. Alguém os teria visto?

Não, ela tivera cuidado. Só se aproximara dele após certificar-se de que estariam sozinhos; no entanto, assim que os beijos começaram, já não tinha a certeza de nada do que acontecera à sua volta; até poderia ter havido um terramoto. Alguém poderia tê-la visto, e, no círculo de Louisa, com as suas regras rígidas para as raparigas solteiras, aqueles beijos arruiná-la-iam.

Ou talvez Hargate se referisse simplesmente às especulações derivadas do escandaloso casamento da sua irmã, Lady Isabella, que não só fugira para casar com um Mackenzie, como depois o deixara, tendo obtido uma separação legal. E, posteriormente, em vez de se recolher numa quieta solidão, começara a ser anfitriã de saraus e de bailes, como se isso fosse completamente normal. A maioria da sociedade esperava que Louisa seguisse as passadas de Isabella. Pouco lhes importava que, na verdade, Isabella e Mac se tivessem reconciliado depois, e fossem agora abençoadamente felizes — as pessoas apenas se lembravam do seu comportamento escandaloso.

Hargate estava a oferecer-se para salvar Louisa de toda a espécie de vergonhas, bastando que, para tal, casasse com ele.

— E desistirei de qualquer tentativa de reaver o dinheiro que o seu pai me devia — acrescentou Hargate. — Pode dizer ao seu primo que a propriedade ficará livre de dívidas.

— Vossa Graça...

Hargate soltou a mão de Louisa, pousando os dedos sobre os lábios dela.

— Não diga nada enquanto a sua resposta não for sim, querida Louisa. Eu aguardo. — Recuou um passo e levou a chávena à boca, como se tencionasse ficar ali a beber chá até ela capitular.

Louisa, com a fúria a crescer dentro de si, fitou os seus profiteiros, buscando inspiração no creme amolecido. Que grande descarado que ele era, encurralando-a e exigindo que ela cedesse. Porque é que Hargate pretenderia casar consigo? Poderia escolher entre várias senhoras solteiras, muitas das quais estavam presentes naquela mesma festa, que alegremente o desposariam pela sua posição, fortuna e, quando abrisse uma vaga, o seu lugar na Câmara dos Lordes. Muitas jovens com famílias respeitáveis e bons dotes teriam começado a planear o casamento assim que entrassem na tenda de chá. O que é que Hargate andaria a tramar?

Louisa respirou fundo, cada vez mais decidida.

— Vossa Graça, eu... — Ele ergueu o olhar para ela por cima da chávena. Louisa notou que as suas faces haviam perdido quase toda a cor; as bochechas estavam esverdeadas, e ele mal conseguia respirar. — Sente-se bem, Vossa Graça? Talvez seja melhor irmos apañhar ar fresco. — Se Hargate tivesse comido algo que lhe fizera mal, isso interromperia a sua embaraçosa proposta. Louisa segurou-lhe o braço, pronta para o conduzir para o exterior e entregá-lo aos cuidados da anfitriã.

— Loui... — Hargate teve de parar para respirar. Tossiu, gaguejou e voltou a tossir.

Louisa começou a ficar seriamente alarmada.

— Venha comigo, Vossa Graça. Levamo-lo para a casa, onde poderá recuperar do calor.

Hargate tentou respirar de novo. Os olhos arregalaram-se quando o ar lhe fugiu, e deixou cair a chávena, derramando o chá na relva. Encostou-se a Louisa, os olhos e a boca muito abertos, o peito a palpitar, mas sem ar lá dentro.

— São só mais alguns passos — disse Louisa, tentando ampará-lo. — Irá ficar bem assim que chegarmos lá fora.

Hargate deu mais um passo, mas as suas pernas cederam, e ele tombou pesadamente de encontro a Louisa. O prato que ela só

agora se apercebia de ainda ter na mão caiu ao chão, os profiteroles cremosos manchando a relva.

— Vossa Graça! — Louisa não conseguia segurá-lo.

Hargate caiu de costas, e Louisa ajoelhou-se ao lado dele, a saia às riscas azuis e castanhas espalhada sobre a relva manchada de chá. O rosto de Hargate ficara completamente pálido, e saíam-lhe pequenos arquejos roucos da boca.

Um médico! Ela precisava de encontrar um médico. Estava um presente na festa, um muito famoso, chamado Sir Richard Cavanaugh. Louisa pôs-se de pé.

— Vou buscar o Sir Richard. Não se preocupe. A ajuda não tardará.

Ao sair da tenda, o tacão do seu botim de atacadores pisou a chávena que Hargate deixara cair, esmigalhando-a. Louisa correu lá para fora, examinando os convidados, numa busca desesperada por Sir Richard. Lá estava ele, a conversar com a irmã dela, Isabella, e com Gilbert Franklin, um velho amigo. Isabella e Gil viraram-se para ela, e, ao vê-la arquejante, o sorriso de Isabella transformou-se em preocupação.

— O que se passa, querida?

— O Hargate... na tenda de chá. Sentiu-se mal. Caiu. Por favor, Sir Richard. Ele precisa de si.

Sir Richard, um homem baixo e magro, de cabelo escuro a embranquecer e uma atitude arrogante, não parecia nada ansioso por largar o seu chá e correr pelo relvado a pedido de Louisa.

— O que lhe parece que se passa com ele? — perguntou.

Louisa resistiu à tentação de agarrar no homem e empurrá-lo colina abaixo.

— Por favor, tem de se apressar. Acho que ele está a ter um ataque. Não consegue respirar.

— Santo Deus! — exclamou Gil, conseguindo parecer agradável apesar da preocupação. — É melhor irmos ver, Cavanaugh.

Sir Richard franziu a testa, suspirou e entregou finalmente a chávena a um laçao, pedindo a Louisa que o conduzisse à tenda. Caminhou com demasiada lentidão. Ela teve de esperar por ele, segurando a porta da tenda com impaciência, enquanto ele entrava. Isabella, Gil e a Sra. Leigh-Waters seguiram-no, juntamente com um grupo de convidados curiosos.

Sir Richard revelou, finalmente, alguma preocupação quando viu Hargate, que não se mexera. Baixou-se, apoiado num joelho, e observou-o; sentiu-lhe o pulso e o coração, e depois inclinou-se para lhe cheirar a boca. Fechou gentilmente os grandes olhos fixos do bispo, antes de se levantar. A sua expressão arrogante tornara-se ainda mais arrogante, embora agora fosse mais focada, mais profissional.

— Está morto — anunciou. — Não posso fazer nada por ele. Mande chamar a polícia, Sra. Leigh-Waters. O bispo parece ter sido envenenado. — Olhou para Louisa ao dizê-lo, o seu olhar acusador como um punhal no coração dela.

Capítulo 3

Londres era a casa de Lloyd Fellows. Conhecia todas as ruas, da Whitehall ao East End, da Strand a Marylebone, e todos os pontos intermédios. Conhecera-as quando era um rapazinho, a viver em St. Giles, apenas com a mãe para o criar. Conhecera-as melhor depois como polícia, a fazer rondas, e melhor ainda como inspetor, enviado a cada canto da cidade e arredores.

Fellows conhecia cada rua como a palma da sua mão — quem vivia onde, que negócios, legais ou ilegais, funcionavam onde, que pessoas por ali caminhavam e quando. Conhecia cada recanto, cada passagem, cada escadaria escondida. A área metropolitana de Londres podia ser dividida em distritos pelo governo e em áreas culturais pelos habitantes, mas, para Fellows, Londres funcionava como um todo, e pertencia-lhe.

Nesta agradável tarde de abril, entrou numa passagem escura da Crawford Street, consciente do que o aguardava lá ao fundo. Os seus agentes não o acompanhavam porque o suspeito que seguiam mudara de percurso, e eles haviam-se separado para o tentarem cercar.

Fellows perseguia um assassino, Thaddeus Waller, a quem chamavam o Assassino de Marylebone. Waller assassinara brutalmente o próprio irmão e a cunhada, encobrendo depois o crime, simulando desgosto e assumindo o cuidado dos sobrinhos. Fellows, recentemente promovido a inspetor, investigara as mortes com

uma implacabilidade que alarmara os seus superiores, descobrindo facto após facto, todos apontando Waller como o assassino. Finalmente, obtivera um mandado de prisão para deter Waller e fora a Marylebone com os seus agentes para o levarem.

Waller vira-os a chegar e usara a própria mulher e os filhos como reféns. A fúria de Fellows crescera quando Waller segurara um bebé à janela do primeiro andar, ameaçando deixá-lo cair se a polícia não se fosse embora. O pequenito gritava debilmente de terror, ali pendurado, sobre a rua.

Fellows deixara os seus agentes a postos para apanharem o menino se ele fosse mesmo atirado, correrá lá acima, abrira a porta a pontapé, tão enraivecido que nem parara para considerar que Waller poderia estar armado.

A mulher de Waller, aterrorizada e chorosa, conseguira, por fim, trazer o menino para dentro. Quando Fellows irrompeu pela casa, Waller saltara da janela para a rua, um andar abaixo. Os agentes tentaram apanhá-lo, mas Waller debatera-se como louco, e haviam-no deixado fugir.

Fellows saltara imediatamente da janela, atrás dele. Perseguira-o através de ruas apinhadas até à passagem onde o homem se encontrava agora escondido, uma passagem estreita e escura, curvando ao fundo abruptamente para a direita, dando para outra rua, através de um pequeno lanço de escadas. Mandara os seus homens contornarem essas escadas para o encurralar, enquanto o perseguia, sozinho, até à passagem.

Waller iria dar luta, e Fellows sabia que os seus agentes não tinham hipótese contra ele. Embora fossem homens bons e robustos, não eram conhecedores de golpes baixos, ou do que um homem como Waller poderia fazer.

Fellows crescera num mundo de golpes baixos; conhecia o poder destrutivo de tijolos na sua mão, as várias formas de usar navalhas, e como tirar partido do peso do adversário.

Waller sabia, certamente, que os agentes o aguardavam. Iria defender-se. Caramba, o homem matara o irmão, além de outros homens no passado, e não se coibira de usar uma criança como escudo.

Fellows estava sozinho, mas sabia que, se esperasse por ajuda, Waller poderia fugir, e não lho iria permitir.

A passagem era escura, abrigada do sol de abril por edifícios altos e muito juntos. Fellows não conseguia ver distintamente, mas conseguia ouvir. Waller tentava disfarçar a respiração, mas esta era demasiado áspera para o conseguir. Fellows ouvia também o arrastar dos ratos no empedrado, bem como o matraquear das carruagens nas ruas em redor, o vento a entrar por entre os prédios. Registava cada som, identificando-o e catalogando-o, enquanto ia seguindo a respiração.

O ataque foi rápido. Fellows sentiu o primeiro impacto de um enorme punho e baixou-se. Depois ergueu-se, empinando o cotovelo para atingir Waller no diafragma. Foi recompensado com um golpe na cabeça, que lhe obscureceu o mundo por um momento. Inspirou, tentando recuperar o equilíbrio, antes de outro soco na cabeça o fazer tombar de joelhos. Waller não desperdiçou ar a rir-se ou a vangloriar-se. Enrolou o braço em volta do pescoço de Fellows e começou a sufocá-lo. Este pôs-se de pé e atirou todo o seu peso para a frente. Waller resmungou, e o seu aperto afrouxou ligeiramente. Fellows enterrou as mãos nos ombros do homem e aproveitou o impulso, acabando por o atirar contra a parede. Waller gemeu e cambaleou, mas recuperou rapidamente o equilíbrio. Atirou-se a Fellows, rugindo, já sem tentar ser subtil. Contra as ordens dadas, os agentes desceram as escadas do outro lado, de bastões em punho.

Fellows e Waller lutavam, próximos e desesperados, no espaço confinado. Punhos como rochedos atingiram o rosto de Fellows. Este baixou-se, fora do alcance do seu opositor, e, erguendo-se

abruptamente, socou-lhe o queixo, partindo-o. Waller tombou, a gritar. Enquanto caía, agarrou-se a Fellows, e este sentiu a ponta de uma faca debaixo do braço. Deu um puxão e esmurrou Waller na cara, sem parar. A sua raiva era enorme, uma fúria branca que lhe toldava a razão. Não via nem ouvia — só sabia que este homem causara terror e morte, e que não se teria coibido de magoar uma criança inocente.

— Inspetor — disse um dos agentes. — Ele já está no chão.

Fellows continuou a bater em Waller, que gemia, com as mãos partidas a abraçar o corpo. O sangue escorria-lhe do nariz e da boca, manchando as pedras sujas.

— Inspetor? — Um dos agentes mais jovens atreveu-se a segurar o braço de Fellows, o toque arrancando-o do lugar escuro onde se encontrava, e a sua consciência voltou lentamente.

Waller ficou quieto, emitindo sons roucos. O jovem agente fitava Fellows nervosamente, ainda com a mão no seu braço. O rapaz mal tinha barba, e, no entanto, haviam-no mandado em perseguição de um louco. Nesse momento, parecia não ter a certeza de quem seria mais perigoso: o assassino ou Fellows.

Fellows sentiu um ímpeto de deleite feroz. Puxou a perna atrás e acertou com a bota de biqueira quadrada nas costelas de Waller.

— Este é pelo pequenito — disse. Endireitou-se, limpando a boca. — Prendam este lixo e levem-no para bem longe de mim! — bradou aos agentes. — Acabámos o trabalho.

Virou costas ao assassino, que matara pelo menos cinco pessoas e espancava regularmente a mulher e os filhos; encontrou o chapéu, pô-lo na cabeça e regressou às ruas.



Antes de voltar à Scotland Yard, Fellows passou novamente pela casa de Waller para informar a mulher de que este fora capturado

e detido. Depois de o apanhar, não se fora embora até ver o homem seguramente trancado num veículo da polícia, que o levava dali para se apresentar perante um magistrado.

Fellows sabia que a Sra. Waller não tinha qualquer envolvimento nos homicídios; era uma vítima, tanto quanto as pessoas que o marido matara. Fora ela, e não Waller, que recolhera os sobrinhos. Fellows foi comunicar-lhe que estava livre do marido.

Os residentes da zona não apreciavam a presença da polícia. Também não gostavam de Waller, o Assassino de Marylebone, mas, ainda assim, haviam mantido a boca fechada quando Fellows os interrogara. Agora, os homens e mulheres daquelas ruas interrompiam o que estavam a fazer para o ver passar. Fellows sabia que tinha a cara ensanguentada e ferida, mas a sua passada e a sua expressão sombria revelavam quem vencera a luta.

A Sra. Waller ficou perturbada, confusa; triste e, ao mesmo tempo, aliviada. Prometeu cuidar bem das crianças, e Fellows acreditou nela. O sítio onde viviam não eram uma barraca, mas também não era nenhum palácio. Fellows deu-lhe algumas moedas antes de partir. Foi, ainda, falar com o senhorio do edifício, advertindo-o de que voltaria ali se ele despejasse a Sra. Waller por o marido ser um maldito assassino: ela precisava de ajuda, não de censuras.

Partiu, ouvindo murmúrios nas suas costas. Contudo, também não se dirigira ali para fazer amigos. Fizera-o para travar um assassino e salvar uma família, e conseguira-o. Agora, precisava de um banho, de uma boa caneca de cerveja e de uma noite de sono tranquila.

Porém, isso não iria acontecer. Primeiro, tinha de comunicar o sucedido aos seus superiores, e, depois, passaria o resto do dia e uma parte da noite a redigir documentos concisos sobre a investigação e a detenção. A recompensa pelo seu valor seria um monte de papelada.

Ao entrar no seu gabinete, foi recebido com aplausos. A notícia de como detivera o Assassino de Marylebone já corria, embelezada, sem dúvida, pelos agentes que haviam estado no local.

— Bom trabalho, inspetor! — entoou o agente Pierce quando Fellows entrou. — Teve de lutar contra três homens, com as suas próprias mãos, não é verdade? E depois arrastou o nosso assassino pelos cabelos, enquanto ele suplicava por misericórdia.

— Exatamente — assentiu Fellows, e Pierce riu-se.

Fellows tombou na cadeira atrás da secretária, pegou num lenço e limpou os ferimentos no rosto.

— Não se ponha demasiado confortável, inspetor — advertiu o agente Pierce, irritantemente alegre. — Chegou um telegrama de Richmond. Pedindo-o especificamente a si, chefe.

Caramba, o que é que viria lá agora?!

— Estou de licença, agente Pierce. A partir deste momento. Ou melhor, depois de passar a noite a redigir um relatório enfadonho.

— Lamento, inspetor. — Pierce parecia não lamentar absolutamente nada, o velhaco. — O superintendente quer que fique com este caso. A polícia de Richmond telegrafou. Um bispo morreu numa festa fina no meio de um monte de fidalgos. Acham que foi um crime, e pretendem um inspetor da Scotland Yard. Querem o assunto tratado com luvas de pelica, e querem-no especificamente a si.

Fellows passou a mão pelo cabelo, encontrando-o empastado de sangue.

— Se querem luvas de pelica, porque é que me querem a mim?!

— Desconfio que seja por o inspetor ser familiar de um fidalgo... mais precisamente, de um duque.

Desde que se soubera que Fellows era, de facto, o filho ilegítimo do duque de Kilmorgan, os colegas tinham-lhe infernizado a vida. Ou o olhavam com desdém, ou chegavam ao ponto de lhe fazerem vénias, por troça, nos corredores; os risos estavam sempre

presentes. Fellows concluíra que poderia agir como seu superior e fazê-los parar com aquilo, ou fazer vista grossa. Reconquistara o respeito deles fazendo-lhes um gesto obsceno, quando se dava ao trabalho de observar as brincadeiras, e ignorando-os completamente de seguida. Também trabalhara arduamente para lhes mostrar que era um excelente profissional, melhor do que a maioria, e que não iria deixar que o seu acidental sangue aristocrático compromettesse o seu desempenho.

O agente Pierce prosseguiu:

— Desconfio que, se tivermos de prender um nobre, os rapazes de Richmond preferem que seja um de nós a fazê-lo. Eles têm de continuar a viver lá, enquanto nós podemos voltar para Londres.

— Por outras palavras, querem que sejamos nós a fazer o trabalho sujo.

Pierce sorriu.

— Nem mais, inspetor.

Um passeio a Richmond para resolver um problema no seio das classes altas não era o que Fellows desejaria naquele momento. Queria terminar o seu relatório, ir para casa, tomar banho, dormir, fazer a mala, passar em casa da mãe para se despedir e apanhar o comboio. Tinha uma semana de licença. O seu meio-irmão, Cameron Mackenzie, sugerira-lhe que fosse assistir às corridas em Newmarket, na semana seguinte. Fellows, apesar de ainda se sentir desconfortável com a sua família recém-descoberta, gostou da ideia de ir às corridas de cavalos. Um homem divertia-se sempre numa corrida. Planeara ir até à praia, ficar algum tempo a contemplar o mar e depois dirigir-se tranquilamente a Newmarket para a corrida da segunda-feira seguinte. Contudo, antes de mais, era um inspetor da polícia, e, se tivesse de adiar a sua viagem, fá-lo-ia. A polícia não tinha folga.

Voltou a passar a mão pelo cabelo. O seu rosto estava escurecido pela barba a crescer, e, além disso, sujo de sangue. Não se sentia

em condições de ir a uma casa cheia de convidados convencidos de que um homem que morrera de um golpe de calor e apoplexia fora assassinado. Porém, não podia fazer nada.

— Vamos — disse, numa voz dura. — É o nosso trabalho.

O agente Pierce perdeu o sorriso.

— «Vamos»?

— Vou precisar do meu diligente agente para este caso. Deixe-me só ir lavar a cara, e partimos. Vá buscar o seu chapéu.

Fellows retirou alguma satisfação mórbida da expressão abalada do agente Pierce, enquanto se dirigia à casa de banho para se pôr apresentável.



— Está morto, sem dúvida — confirmou o agente Pierce cerca de uma hora depois.

Ele e Fellows estavam ajoelhados ao lado do corpo, enquanto um médico, Sir Richard Cavanaugh, que se mantinha por perto, lhes dava o seu parecer clínico o mais condescendentemente possível.

— Hipoxia histotóxica — declarou Sir Richard. — Veem o tom azulado da sua pele? Ácido prússico, muito provavelmente. No chá, creio eu, uma dose fatal. De efeito rápido, apenas alguns minutos entre a ingestão e a morte.

Fellows não apreciava os médicos arrogantes que tiravam conclusões antes de os factos serem analisados, mas, neste caso, o homem teria provavelmente razão. Fellows já vira mortes causadas por ácido prússico. Contudo, preferia ouvir as conclusões do médico-legista, após uma autópsia minuciosa, bem como os resultados de uma análise à comida e à bebida ingeridas pela vítima, antes de acreditar nas especulações de um médico da elite.

Ordenou a Pierce que recolhesse o que restava da chávena partida com o líquido lá dentro e a chávena cheia sobre a mesa, ao lado

do bule. Mandou Pierce despejar o chá que ainda estava no bule para dentro de um frasco, para mais análises. Raspou o creme de um bolo esmagado no chão e os restos do pires onde este estivera, e entregou tudo a Pierce. Deixou-o a selar os frascos com cera e examinou a tenda de chá. Infelizmente, já ali haviam estado demasiadas pessoas, e o sítio estava uma confusão. A relva estava cheia de pegadas — saltos altos de senhoras, botas de cavalheiros, sapatos robustos de criados —, todas sobrepostas umas às outras.

O agente da polícia local encontrava-se bastante afastado da tenda, como que a lavar as suas mãos daquele assunto. Ainda assim, Fellows aproximou-se dele. O facto de não terem mandado alguém de patente superior à de agente significava que o chefe da polícia se queria manter à margem, e ele gostaria de perceber porquê.

— Qual é sua opinião, agente? — perguntou ao polícia local.

O agente encolheu os ombros. Tinha olhos argutos, e não parecia nada estúpido.

— O médico diz que foi veneno no chá, e não discordo. A jovem que consideram culpada está na casa. O agente Pierce está a vigiá-la. Mas é filha de um aristocrata, e a dona da casa não permitiu que gente como nós a interrogasse. Disse que tínhamos de esperar por si. — Fez um aceno sombrio a Fellows. — Não me leve a mal, mas antes o senhor do que eu.

Queria dizer que era preferível ser Fellows a perder o emprego por prender a filha mimada de um homem rico, que era exactamente o que poderia acontecer.

As ligações de Fellows aos Mackenzies talvez o livrassem de um processo legal instaurado pelo pai da rapariga, mas a sua carreira poderia estar acabada. Não que Fellows quisesse ir mendigar, de chapéu na mão, a caridade dos meios-irmãos. Um convite para assistir às corridas era uma coisa; dever um favor monumental a Hart Mackenzie era outra.

— Vá ajudar o agente Pierce — rugiu-lhe Fellows. — Preciso do depoimento de toda a gente. Quem estava onde e o que viram, com todos os pormenores. Compreende?

O agente não parecia feliz, mas fez-lhe continência e respondeu: — Sim, inspetor.

Fellows deixou o homem e seguiu até à casa e à filha do aristocrata. Enquanto se dirigia para o enorme edifício, concluiu que perseguir um assassino com um metro e noventa de altura e mais de cem quilos era bastante mais gratificante do que ter de enfrentar uma rapariga tola que provavelmente nem compreendia muito bem o que fizera. Talvez achasse perfeitamente justificado envenenar um homem que a estivesse a aborrecer. Devia ser profundamente nervosa e relativamente doida, ou demasiado estúpida para compreender as consequências dos seus atos.

Fellows ergueu o olhar para a gigantesca casa de tijolo debruada a branco, estrategicamente posicionada para ter vista sobre o rio, a meio de um prado. Só os muito ricos viviam ali, aquela espécie que existia num mundo só seu, com as suas próprias regras; os forasteiros não eram bem-vindos.

Subiu os degraus de mármore nas traseiras e penetrou na obscuridade fresca do edifício. A Sra. Leigh-Waters, a dona da casa, correu na direção dele. Era uma mulher de peito grande, cabelo frisado em caracóis apertados, nada naturais, e envergava um vestido de armação cinzento que lhe conferia ligeiramente a aparência de um pombo.

— Que bom que veio, inspetor-chefe! — precipitou-se a dizer. — Sempre me falaram muito bem de si, pelo que pedi ao chefe da polícia que lhe telegrafasse. Os polícias locais podem ser um pouco... apressados... e ela precisa de um pouco de simpatia, não é verdade?

— Claro — respondeu Fellows, forçando-se a ser polido. — O interrogatório será breve.

— Obrigada. — A Sra. Leigh-Waters parecia aliviada. — Tenho a certeza de que ela também lhe irá ficar grata.

Conduziu Fellows pelo corredor fresco e de tetos altos, obscurecido pelos cortinados defronte de uma janela, ao fundo, que tapavam quase toda a luz. A Sra. Leigh-Waters bateu a uma porta a meio do corredor e abriu-a, revelando uma sala com janelas ao fundo, que davam para o jardim.

Duas mulheres levantaram-se do sofá e viraram-se para eles. Fellows deu três passos na sala e parou, petrificado. As feições das duas mulheres ruivas eram desconcertantemente similares; a mais nova, um pouco mais alta do que a mais velha. A mais velha usava um vestido verde-garrafa com botões pretos no corpete. O vestido da mais jovem tinha uma saia às riscas azuis e castanhas e uma sobressaia azul repuxada para trás, revelando um forro aos quadradinhos azuis e castanhos. O corpete era abotoado até ao queixo com botões forrados de tecido castanho. Fellows assimilou todos estes pormenores mesmo sem tirar os olhos do seu rosto. A mais velha das irmãs, Lady Isabella, era casada com Lorde Mac Mackenzie, um dos meios-irmãos de Fellows; a irmã mais nova, Lady Louisa Scranton, tinha uma pele macia como pétalas, lábios que podiam beijar calorosamente e um sorriso que assombrava os sonhos de Fellows desde que a conhecera.

Louisa fitou-o, tão petrificada quanto ele, de lábios entreabertos. Isabella soltou o braço da irmã e avançou.

— Graças a Deus que chegou! — disse a Fellows, a sua voz revelando, simultaneamente, alívio e preocupação. — Estão a dizer que foi a Louisa que fez isto, consegue acreditar?! Vai resolver tudo e explicar-lhes que não foi ela, não vai?



PODERÁ UMA DAMA DA ALTA SOCIEDADE DEPOSITAR O SEU DESTINO NAS MÃOS DE UM HOMEM HUMILDE E INDOMÁVEL?

Depois de o pai de Lady Louisa Scranton ter destruído a sua reputação, ela parece não encontrar outra solução para limpar o nome da família a não ser casar-se.

O bispo de Hargate, um homem rico e altamente respeitável, oferece-se para casar com Louisa, mas esta apercebe-se de que Hargate, na verdade, quer chantageá-la de modo a saldar as dívidas que o pai tinha contraído.

Só que, no momento em que o pedido de casamento é feito, o bispo cai morto aos pés dela, vindo a descobrir-se que foi envenenado. Todas as suspeitam recaem sobre Louisa, e ela é acusada de homicídio.

O caso chega aos ouvidos do inspetor Lloyd Fellows, filho ilegítimo da família Mackenzie, que trabalha na Scotland Yard. No passado, ambos trocaram beijos apaixonados, e agora ele promete limpar o nome dela.

Fellows está certo de que Louisa é inocente, mas o facto de se sentir cada vez mais apaixonado por ela interfere com a sua missão.

Louisa deposita em Fellows todas as suas esperanças de restaurar a honra da família. Mas poderá ela confiar no filho ilegítimo de um duque?



DA MESMA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-154-3



9 789895 641543

Ficção Romântica